

## PAPEL DAS FORMAS ÔH E ÓH EM TURNOS CONVERSACIONAIS (Roles of forms ôh and óh in an informal conversation)

### ABSTRACT

Aiming to show their roles in the structure of speech, I analyze the forms **ôh** and **óh** in an informal conversation. The study revealed that the **ôh** is used to select a present specific speaker in the interaction, the **óh** is already used to indicate the topic discussed, that may include other entities which are not present in the interaction, although mentioned by the speakers. The investigation was based in the theory of the mental spaces (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER & SWEETSER, 1996; DINSMORE, 1991) and in Clark's re-readings (1996) concerning the rules of organization of conversation, as proposals in Schegloff & Sacks (1973) and Sacks, Schegloff & Jefferson (1974). Clark's approach (op. cit.) for the use of the language is in accordance with the presuppositions of the theory of the mental spaces, because the author describes the speech under the social and cognitive aspects simultaneously which are relevant to the present study.

**Keywords:** Cognition, Interaction, Conversation.

### RESUMO

Analisando as formas **ôh** e **óh** em uma conversa informal, com objetivo de mostrar o papel desempenhado por estas em tomadas de turno. O estudo revelou que o **ôh** é utilizado pelo falante para selecionar um interlocutor específico presente na interação, já o **óh** é empregado na sinalização do assunto a ser tratado, que pode envolver outras entidades, ausentes da interação, sobre as quais os interlocutores conversam. O estudo foi elaborado com base na teoria dos espaços mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER & SWEETSER, 1996; DINSMORE, 1991) e na releitura de Clark (1996) acerca das regras de organização da conversa propostas em Schegloff & Sacks (1973) e Sacks, Schegloff & Jefferson (1974). A abordagem de Clark (op. cit.) para o uso da língua alinha-se com os pressupostos da teoria dos espaços mentais, porque o autor descreve o discurso sob os enfoques social e cognitivo unificadamente, aspectos observados no presente trabalho sobre os introdutores de espaços mentais **ôh** e **óh**.

**Palavras chave:** Cognição, Interação, Conversação.

## INTRODUÇÃO

Analisarei o papel desempenhado pelas formas **ôh** e **óh** nos turnos de uma conversa informal, com vistas a postular-lhes funções diferenciadas na interação. Para tal, apresento, na primeira seção, a abordagem teórica empregada no estudo dos dados. Em seguida, na segunda seção, aponto que o **ôh** é utilizado pelo falante para selecionar um interlocutor específico presente na interação, já o **óh** é empregado na sinalização do assunto a ser tratado, que pode envolver outras entidades, ausentes da interação, sobre as quais os interlocutores conversam.

Embora, nos termos de Clark (1996), as transcrições constituam uma fonte de ilusão acerca da organização das interações, funcionando como pegadas na areia, como meros traços inertes da atividade produzida pelos falantes, porque apenas sugerem como a conversação emergiu, empreguei, nesta análise retrospectiva da conversa, os seguintes símbolos de transcrição:

- /.../ – transcrição parcial;
- [] – falas simultâneas;
- [ – sobreposição de vozes;
- ... ou (+) – pausas;
- ( ) – falta de clareza na audição;
- trechos descartados, palavras inconclusas e truncamentos bruscos;
- LETRA MAIÚSCULA – ênfase ou acento forte;
- :: – alongamento de vogal ou consoante;
- (( )) – comentários do analista;
- // – entonação interrogativa;
- / – entonação semi-exclamativa;
- \ – entonação descendente.

Os trechos em estudo foram gravados em 1988, durante um jantar, com a participação de cinco pessoas: Wilton (27 anos; carioca), Bebete (31 anos; piauiense), Luana (7 anos; carioca), Isalmir (30 anos; carioca) e Célia (23 anos; carioca), responsável pela gravação<sup>1</sup>. Os falantes estão referenciados pelas iniciais de seus nomes na transcrição e no texto deste artigo.

## 1 A CONVERSA E SUA CONSTRUÇÃO

Para que a conversação ocorra, os participantes precisam partilhar conhecimentos básicos comuns, tais como: aptidão lingüística, envolvimento cultural e domínio de situações sociais, fatores que exigem aptidões cognitivas. Nesse sentido, a conversa é um evento social, lingüístico e cognitivo. Esses aspectos são analisados em conjunto por Clark (1996), num arcabouço que abarca os níveis interacional e cognitivo desse tipo de interação.

O autor parte da assunção de Fillmore (1981, p. 152)<sup>2</sup>, para quem “a linguagem da conversação face a face é o uso básico e primário da linguagem,

<sup>1</sup> Célia e Isalmir são irmãos, Wilton é noivo de Célia. Todos os participantes sabiam que estavam sendo gravados; contudo, para evitar constrangimentos, o gravador foi colocado em uma das cadeiras da mesa de jantar.

<sup>2</sup> Pragmatics and the description of discourse. In COLE, P. (ed.). *Radical pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p. 143-166.

sendo todos os outros melhor descritos em termos de seu modo de desvio desta base”, a fim de estabelecer que “os princípios de uso da linguagem podem ser divididos em dois: aqueles para conversação face a face e aqueles que determinam como os usos secundários derivam, dependem ou evoluem dela”.

A prioridade da interação face a face sobre as demais formas de comunicação justifica-se porque a conversa:

- (i) é universal às sociedades humanas. Elimina contextos escritos, já que sociedades inteiras e grupos dentro de sociedade valem-se somente da palavra, sem necessidade de tecnologias como rádio, telefone, gravações, que estão longe de serem universais;
- (ii) não exige habilidades especiais, ao contrário da leitura e da escrita que requerem mais tempo de aprendizado;
- (iii) é o cenário básico para as crianças adquirirem sua primeira língua. A conversação face a face é “o berço do uso da linguagem” (CLARK, 1996, p. 9)<sup>3</sup>.

Conceituada dessa forma, a conversa deixa de ser vista como um *texto*, um produto apenas, porque subjaz a essa formulação, a tese de Clark de que o discurso é “uma ação conjunta na qual a linguagem convencional desempenha um papel proeminente [...] Todas as atividades conjuntas dependem de sinais ou atos comunicativos”, ou seja, “da linguagem em sua acepção mais geral” (1996, p. 50). O autor define *ação conjunta* como aquela que é “conduzida por um conjunto de pessoas atuando em coordenação umas com as outras” (p. 3).

Os “lugares onde as pessoas desempenham tarefas com a linguagem são denominados *arenas de uso da linguagem*” (p. 11). No centro das *arenas*, pessoas desempenham papéis de falante e interlocutor, sem agir independentemente, coordenando reciprocamente suas ações, ou seja, os interlocutores não apenas agem em relação uns com os outros, mas coordenam essas ações a partir de uma *base comum*: “grande massa de conhecimentos, crenças e suposições que interlocutores acreditam partilhar” (p. 12).

A “base comum é uma forma de autoconsciência, autoconhecimento, autocrença, auto-assunção em que há pelo menos uma outra pessoa envolvida com uma autoconsciência análoga” (p. 94), descrita a partir da representação mental de uma base partilhada para o acesso a uma parte dessa base comum.

Essas arenas podem ser compostas de *camadas de ação*, “como palcos teatrais construídos uns sobre os outros” (p. 16), que representam diferentes domínios de usos da linguagem criados sobre o cenário base – a realidade. Segundo Clark (p. 17), “camadas mais altas representam outros domínios, frequentemente hipotéticos, criados para o momento, envolvendo diferentes papéis que lhes dão suporte”.

<sup>3</sup> Como as referências a Clark são todas de 1996, doravante será mencionado somente o número da página, a fim de evitar repetições. A tradução e resenha são minhas.

Em uma interação face a face, os interlocutores representam vários papéis pertencentes a cenários distintos, como, por exemplo, o papel de narrador de uma piada no cenário retratado pela anedota, e o papel de falante no mundo real, durante a conversação (p. 16). Relatos e discursos diretos também representam diferentes camadas em uma interação.

Cada camada representa um domínio de ação caracterizado por seus participantes, seus papéis, lugar, tempo, traços relevantes da situação, possíveis ações, entre outros aspectos (p. 355). O acesso aos diferentes domínios é assimétrico, já que os participantes da camada 1 têm acesso aos elementos de 2, mas não o contrário. Tais domínios são co-ocorrentes e recursivos, porém as ações conjuntas das duas camadas possuem enquadres dêiticos próprios.

Nesse sentido, pode se perceber uma aproximação estreita entre a teoria dos espaços mentais e os postulados de Clark, já que naquela são apresentadas ferramentas teóricas para a ligação entre os domínios cognitivos que se realizariam através das camadas de ação. Clark critica tanto as abordagens cognitivas, em que falantes e ouvintes são estudados como indivíduos, quanto as sociais, em que a linguagem só é estudada como atividade conjunta. "Se o uso da linguagem é verdadeiramente um tipo de atividade conjunta, ele não pode ser entendido com base em uma única perspectiva" (p. 24-25).

Pessoas que tomam parte em uma atividade conjunta não são simples participantes, desempenham papéis ativos que ajudam a delinear o que cada um deve fazer e como são compreendidos pelos interlocutores. Além disso, cada participante apresenta uma *identidade pessoal*: identidade, crenças, sentimentos, desejos que auxiliam a moldar de quem se trata.

Toda atividade conjunta requer uma coordenação entre seus participantes, implicando uma hierarquia de ações conjuntas, dadas as seqüências de pequenas ações necessárias à sua execução. Uma condição básica para tal realização é a crença, partilhada pelos participantes engajados na mesma atividade, acerca de seus limites e as partes de que se compõem, pois toda atividade conjunta apresenta um início, um desenvolvimento e uma saída. As atividades também podem ser divididas, como, por exemplo, quando uma conversa entre quatro pessoas se transforma em duas; expandidas ou reduzidas, quando um novo participante entra em uma conversa ou alguém sai, respectivamente.

Logo, o que

torna uma ação conjunta é, em última análise, a coordenação de ações individuais realizadas por duas ou mais pessoas. Há coordenação tanto de *conteúdo*, o que os participantes pretendem realizar, como de *processos*, os sistemas físicos e mentais que eles selecionam para produzir tais intenções (CLARK, 1996, p. 59).

Ao coordenar ações em conjunto, as pessoas estabelecem uma base partilhada que pode ser de dois tipos: base comum pública e base comum

pessoal. A primeira envolve categorizações sobre aspectos comunitários, tais como: tudo que diz respeito à natureza humana; léxico comum (jargões); fatos históricos, normas, procedimentos (*scripts*). A segunda está relacionada a experiências pessoais: diário pessoal, eventos autobiográficos; léxico pessoal, como o idioma de marido e mulher, por exemplo. A maioria das experiências pessoais é agrupada como ações conjuntas ou experiências percebidas em conjunto, a partir da “percepção dos sinais naturais das coisas” e da “interpretação da intenção sinalizada” (p. 112). Cada nova parte da base comum é construída sobre a velha: estrato sobre estrato.

Ao tomar parte em atividades conjuntas, os participantes realizam atos comunicativos para sejam compreendidos. Tais atos estão, segundo Clark (p. 127), inerentemente ligados a atos conjuntos, como se fossem um dos degraus de uma escada de ações conjuntas, não sendo, portanto, produzidos de modo autônomo pelos falantes, como apontam as abordagens tradicionais.

O cerne dos atos comunicativos é o significado, obtido através de sinais naturais (*natural signs*) ou indícios (*symptoms*)<sup>4</sup>, quando se trata do uso da linguagem. Logo, um ato comunicativo é conceituado como o ato conjunto sinalizado por uma pessoa, cujo significado é reconhecido por outra pessoa. Subjaz a tal conceito o *princípio de reconhecimento do sinal*, segundo o qual “sinalização e reconhecimento são atos participativos em ações comunicativas”, são duas partes naturais em que se dividem os atos comunicativos.

Segundo Clark, com essa formulação é possível mover se da gama de atos de fala de Austin (1962/1990) para níveis de ações conjuntas realizadas no uso da linguagem, abarcando o interlocutor e especificando a ligação entre as ações de falante e ouvinte (*ibid.*).

Se concebido de forma autônoma, “um sinal é um ato através do qual um falante significa algo. Visto como parte de atividades conjuntas é um ato pelo qual os participantes coordenam o próximo passo na atividade em andamento” (p. 132). A partir dos conceitos de ícone, índice e símbolo (tomados de Pierce), Clark (*op. cit.*) postula três métodos de sinalização:

- (i) Descrição – ativação da mesma regra para cada símbolo usado por falante e ouvinte;
- (ii) Indicação – localização de entidades no contexto da atividade;
- (iii) Demonstração – criação de uma representação mental acerca da aparência dos objetos (termo tomado em uma acepção ampla para referir pessoa, lugar, objetos em sentido estrito etc.).

---

<sup>4</sup> Clark retoma aqui os conceitos significado natural e não natural de Grice (1957), *Mining. Philosophical review*, 66, p. 377-388. Além dos estudos de Grice, Clark revisita os trabalhos de Goffman, Austin e Searle.

Esses métodos raramente ocorrem atomisticamente, grande parte dos sinais é mista, *sinais compósitos*, como no caso de pronomes demonstrativos, que envolvem indicação e descrição, se uma oração do tipo *Aquela menina mora na minha rua* for verbalizada por uma pessoa acompanhada do gesto de apontar a menina para que seu interlocutor a localize. O ato de apontar relaciona-se ao método de indicação; a percepção da imagem, perto ou longe, diz respeito à propriedade de tal forma em termos do léxico mental; logo, ao caráter descritivo.

Embora a descrição ocupe grande parte da agenda dos estudos lingüísticos, o uso da linguagem abarca a indicação e a demonstração. A utilização de sinais compósitos em conversa é muito freqüente, a entonação, discursos direto e indireto livre são exemplos desse tipo de sinal: quando um falante diz *Oi!* com uma entonação exclamativa e sorridente, ao encontrar um amigo, além de descrever sua ação de cumprimentar, está demonstrando entusiasmo e indicando ele mesmo como emissor do cumprimento.

Ao longo da produção de um discurso, os falantes vão deixando pistas de uma representação discursiva, composta de duas partes essenciais: (i) uma *representação textual* da linguagem e outros sinais usados durante o discurso; e (ii) uma *representação situacional* da situação sobre a qual se fala. Assim, a representação situacional consiste no que os participantes estão realizando, e a representação textual, nas estratégias comunicativas para desempenhar essas ações.

Conversações são intencionais (*purposive*), porém não planejadas. Os indivíduos alcançam, na maioria das vezes, o que pretendem significar nos projetos conjuntos, sejam amplos ou menores, com os quais estão comprometidos, quando estabelecem propósitos conjuntos. Com intuito de completar tais intentos, é preciso trabalhar em nível de projetos mínimos através dos quais negociam propósitos mais amplos. Conversas só parecem planejadas e objetivamente orientadas retrospectivamente; na verdade, são criadas oportunisticamente, pedaço por pedaço, à medida que os participantes negociam propósitos conjuntos e tentam atingi los – *visão oportunística da conversação* (p. 319).

Com base nessa visão, a estrutura hierárquica da conversação é uma propriedade emergente oriunda dos princípios que governam qualquer atividade conjunta bem sucedida. Durante as interações, os falantes emitem pistas das etapas das ações em curso, sinalizando, indicando ou demonstrando seus propósitos. Trabalham juntos para completar os níveis de execução e atenção, apresentação e identificação, sinalização e construção, propósito e realização. Uma vez que tais princípios são aplicados, pares adjacentes, partes de conversas ou conversas inteiras simplesmente surgem.

Clark conceitua pares adjacentes (SCHEGLOFF & SACKS, 1973) como projetos mínimos através dos quais falante e ouvinte enfrentam a construção de um problema conjunto, resolvendo o, de uma só vez, numa permuta constituída de duas partes, *ação resposta*, porque, segundo o autor, conversações não são

seqüências de ações individuais, mas de ações emparelhadas (*paired actions*). Projetos conjuntos servem a propósitos conjuntos que devem preencher os seguintes requisitos:

Para A e B comprometerem se em um propósito conjunto *r*

- (1) Identificação – A e B devem identificar *r*
- (2) Habilidade – deve ser possível que A e B façam sua parte ao desempenhar *r*
- (3) Disposição – A e B devem estar dispostos a desempenhar sua parte em *r*
- (4) Crença mútua – A e B devem acreditar que 1, 2, 3 e 4 são parte de sua base comum.

A efetivação dos processos de sinalização e reconhecimento em atos comunicativos durante uma atividade conjunta, depende de o falante criar construções conjuntas do que acredita estar significando. Logo, essas construções não representam o que o falante significa de *per se*, que pode ser transformado em muitos processos de comunicação, mas o que os participantes tomam mutuamente como sendo significado.

A fim de explicar como os projetos mínimos podem ser desenvolvidos com sucesso, visando a um projeto conjunto, Clark apresenta a hipótese de que as pessoas devem buscar um terreno comum para o que executarão em conjunto, ou seja, estabelecer esse terreno comum como parte da base comum suficiente para o propósito do momento. Tal denominador<sup>5</sup> comum (*grounding*) deve ocorrer em todos os níveis da comunicação.

De acordo com essa hipótese, “o discurso consiste em duas pistas paralelas de ação” (p. 241): a primeira sobre a interação/negociação em curso; a segunda sobre o ato comunicativo. Assim, para que um projeto conjunto se realize, é necessário um engajamento de todos os envolvidos na atividade conjunta, estabelecendo um objeto social.

Ao revisitar as regras de alocação de turno de Sacks, Schegloff & Jefferson (1974), Clark discute também o senso comum de que a conversa é realizada através de turnos de fala<sup>6</sup>, ressaltando que tal formulação está aquém do que ocorre realmente neste tipo de interação. Tais regras só descreveriam, nos termos de Clark, a apresentação primária – momento em que os falantes

<sup>5</sup> Termo cunhado por Janete Sander Costa ao resenhar *Using language* em D.E.L.T.A., 17:2, 2001 (343-352).

<sup>6</sup> Em Bernardo 1995, ao perceber as noções de turno e de par adjacente não descreviam adequadamente as conversas, elaborei uma classificação semântico pragmática para os turnos ou seqüência de turnos, tomando-os como unidades significativas estruturantes das fatias maiores do discurso, a saber: comentários retóricos, opinativos, refutatórios, demonstrativos, metadiscursivos, humorísticos e assensórios. O termo **comentário** foi empregado para referir uma enunciação que se opõe estruturalmente às pequenas narrativas.

propõem o objetivo a ser alcançado com a negociação do discurso (p. 323). Mesmo nesses casos, podem ocorrer violações como incompletudes, interrupções, sobreposições (apesar de os falantes não as considerarem como tais).

Para Clark, quem fala e quando, origina-se na atividade conjunta que os participantes estão tentando completar. Se frequentemente verifica-se uma obediência às regras de alocação de turno de Sacks *et al.*, isso ocorre porque os falantes estão tentando avançar em suas atividades conjuntas, não porque procuram aderir a regras. De acordo com esse arcabouço, a conversa é gerenciada contribuição a contribuição, pois os indivíduos possuem um objetivo ao interagir com outro(s); contudo, não preparam um plano para alcançá-lo.

Três períodos no tempo podem ser identificados em uma conversação: (i) entrada na conversa; (ii) corpo e (iii) saída da conversa. Esses períodos aparecem recursivamente na sessão de abertura, no andamento e na sessão de encerramento de uma conversa, porque cada atividade conjunta emerge com a estrutura característica *entrada-corpo-saída*. O cerne para andamento das interações é estabelecer compromentimentos através de projetos comuns a serem atingidos sequencialmente por projetos mínimos em conjunto.

O conceito de tópico discursivo também é revisitado por Clark, segundo o qual, dadas as características da conversação, os tópicos são negociados por todos os participantes, sendo, frequentemente, alterados a cada nova contribuição. Daí o autor considerar a noção de tópico dotada de um caráter estático que não faz jus à conversa.

As seções de um discurso conversacional consistem em uma reflexão direta das partes de cada tarefa que os participantes estão tentando produzir, organizadas pelas relações de seqüência, parte todo ou digressão. Os tradicionais deslocamentos de tópico são observados nos casos de transição de um projeto conjunto estendido a outro, podendo gerar um novo projeto ou subprojeto, uma digressão ou o retorno ao tópico em curso antes da digressão.

Há uma gama de estratégias para realização dessas transições: pares adjacentes e marcadores discursivos encontram-se entre tais mecanismos. Os pares adjacentes consistem em uma forma padronizada para estender projetos conjuntos, na medida em que são empregados para iniciar projetos mínimos com a produção da primeira parte do par: asserções, perguntas, sugestões, o tipo de transição que os pares implementam depende de sua relação com a locução anterior. Da mesma forma, o tipo de marcador escolhido depende do projeto conjunto que está sendo proposto: *mas*, prototipicamente, marca um novo projeto contrário ao anterior.

## 2 ÔH E ÓH NA CONVERSA INFORMAL

Formas como *ôh* e *óh* podem ser analisadas como evidências de um modelo mental de representação de discurso partilhado por falantes durante uma interação conversacional, porque são utilizadas na construção de projetos conjuntos como estratégia comunicativa para buscar a cooperação de interlocutores e sinalizar um novo tópico discursivo, além de, aliadas a outras estratégias, estabelecer o enquadre com que esse novo assunto será abordado.

No excerto (a), abaixo, o *óh* é interpretado como estratégia de sinalização usada pelo falante I, a fim de chamar a atenção para o assunto que está introduzindo, buscando assim a cooperação de C na construção conjunta do projeto em início.

(a)

I= 534 você quer ver uma coisa Célia...

535 *ôh*... você pega o fundo do quintal (+ 2 s.)

536 o fundo de quintal... é...é como que chama é//

537 roda de samba não... (aqui é chamado de)...

W=538 pagode...

I= 539 é pagode... né//

W=540 pagode\

I= 541 você vê a linguagem que eles usam não tem nada de luta de classe ali...

542 não tem nada... transformação social...

543 então é permitido... é permitido... né//

[W= 544 é...]

Na unidade de idéia<sup>7</sup> (doravante UI) 534, observa-se o que Marmaridou (2000) chama de dêixis forte, uma vez que o falante usa o pronome *você*<sup>8</sup> para selecionar um interlocutor específico a quem está dirigindo a palavra, para indicar (Clark, 1996: 161ss.) o interlocutor (Célia). Essa indicação pode estar relacionada ao fato de Célia ter questionado, em passagem anterior<sup>9</sup>, o sentido do termo *conservador* empregado na avaliação de I sobre os discursos da área de Letras. Em (a), o falante I cita o discurso dos pagodeiros como evidência de um tipo de linguagem pouco transformadora, porque não contesta a ideologia dominante, daí sua ampla divulgação na mídia, comprometida, na aceção de I, com essa ideologia. É como se I estivesse dedicando essa nova evidência a C.

Na UI 535, o falante I inicia o tópico, abrindo um espaço mental *foco*, aquele em que se concentra a atenção dos participantes, com a forma *ôh* seguida

<sup>7</sup> Os turnos foram segmentados com base no conceito de *unidade de idéia* de Chafe (1987, 1988).

<sup>8</sup> O pronome *você* com caráter genérico ou prototípico seguido de verbo no presente foi objeto de outro texto.

<sup>9</sup> UI 525 analisada no excerto (j) adiante.

do prefaciador *você pega*, que guia a identificação do propósito conjunto, no qual seus interlocutores se engajam, contribuindo para a apresentação e identificação do tópico discursivo. Esse tópico integra a base comum inicial (*grounding*) dos atores da arena comunicativa, projetado metaforicamente na construção conjunta da perspectiva adotada para entidade *pagodeiro*.

Trata-se, assim, do método de demonstração no processo de sinalização e interpretação dos sinais usados nas interações. A forma *óh* e o prefaciador *você pega* sinalizam a necessidade de falante e interlocutores ativarem sua imaginação/seus conhecimentos, a fim de lembrar o modo como os grupos de pagode se apresentam, suas formas de expressão, as mensagens que transmitem, para validar essa evidência na argumentação a ser desenvolvida.

Nesse sentido, o *óh* sinaliza a abertura de um outro domínio com um enquadre dêitico próprio no qual figurará a representação da forma como os interlocutores analisam a atuação ideológica dos pagodeiros. O mesmo tipo de estratégia de abertura de domínio para introdução de tópico é observado nos excertos (b) e (c), abaixo:

(b)

I= 635 *óh* você pega assim\  
 636 não greve ((pequena falha na gravação))...  
 637 ele fala assim...  
 638 “é a greve não foi bem utilizada... não sei o quê... pá...pá...pá... nu:m deu certo”...  
 639 lá [União Soviética] já deve ser diferente... (inint.)  
 640 “os operários conseguiram mais um progresso”... né//  
 [W= 641 justamente...

é porque a:-

[  
 I= 642 é porque a linguagem...  
 W= 643 aí você vê...  
 I= [é muito importante...]  
 a linguagem também... ela é influenciada...

(c)

I= 417 cê- *óh*... você veja bem...  
 418 existe é...é...é cinco idioma...  
 419 que os cinco principais idioma...né...  
 420 que é falado no mundo todo...  
 421 então você pega o primeiro...  
 422 me parece... não sei... se é chinês ou russo...  
 423 acho que é o chinês... né/ o primeiro... né/  
 424 tem a maior quantidade de...de pessoas... é o chinês...  
 425 acho que o segundo é o inglês...  
 426 terceiro é o:: sei lá/

427 eu acho que o português é o quinto...

428 eu sei... eu tenho certeza que o português é o quinto (+)

W= 429 hum::

No excerto (b), o *óh* figura em uma construção semelhante à de (a), seguido de *você pega*, introduzindo um trecho do evento em que o falante I confronta, através de falas hipotéticas reportadas, o comportamento de comunicadores como Cid Moreira, presos, segundo I, à ideologia da classe dominante brasileira, e um suposto comunicador da União Soviética, que estaria mais ligado à causa dos operários, reforçando o caráter demonstrativo de sua evidência.

Segundo Clark (1996), trechos de relato e de discurso (in)direto, factuais ou reportados, consistem em partes da conversa, construídas tanto pela audiência quanto pelo narrador e não uma realização autônoma. São projetos conjuntos estendidos que requerem um comprometimento de todos os atores do discurso, pois suas participações podem adicionar detalhes, intensificar o drama ou mudar o rumo das histórias, tornando as mais eficientes, mais verdadeiras. Tais relatos consistem também em fontes de novos tópicos – novos projetos conjuntos – na conversação.

Em (c), o participante I tenta postular uma posição sobre o número de falantes de português em relação ao de outras línguas; entretanto, tais falas apresentam um caráter introdutório, porque o tópico desenvolvido no episódio versará sobre a forma como a língua é usada para defender ideologias. Na verdade, pode se considerar o subtópico desse evento um tópico de transição, já que, no macroepisódio anterior, os falantes discutiram acerca de uma língua ser rica ou não em razão do número de verbetes de seu dicionário, ou seja, em razão do número de itens lexicais, daí as alegações de caráter quantitativo. O conteúdo dessa passagem da conversa está ancorado em uma base comum, partilhada pelos interlocutores, de que existe uma classificação para as línguas mais faladas no mundo.

Nas duas passagens, novamente seguido do prefaciador constituído pelo *você* de caráter genérico, o *óh* sinaliza a abertura de um novo domínio para construção do tópico discursivo em conjunto com os interlocutores, cuja aprovação dos novos projetos pode ser percebida pela confirmação do falante W na UI 429 e pelo trecho com sobreposição de 641 a 643, que configura uma completude colaborativa nos termos de Clark (1996).

Em sete dos oito casos de *óh*, na meia hora de conversa analisada, essa forma é usada quando há introdução de novas entidades e/ou novos (sub)tópicos no discurso, em geral em início de evento<sup>10</sup> ou de etapa de desenvolvimento de um evento, conforme as passagens abaixo:

<sup>10</sup> A conversa foi dividida com base nos tópicos e subtópicos em três partes chamadas de macroepisódios, os quais foram divididos em episódios, cujas etapas foram denominadas eventos a partir de Gorski (1993).

(d)

W= 154 mas nego é desesperado assim por comida lá//

I= 155 *óh*.. o Ivan.. o Zé.. o falecido Zé né//

C= 156 hum... hum...

I= 157 então... comia muito rapaz...

158 aquilo ali é o verdadeiro baderneiro da comida ((risos))...

(e)

I= 181 *óh* Lucinha... *óh*... /.../

I= 184 Lucinha... Cristina... a Regina... a Ana Maria...

B= 185 não é tudo zureta... lá//

186 todo mundo... lá...

(f)

C= 362 *óh*... o Japão... eu não estudo o Japão tá/

363 mas há quem diz/ quem estuda lá...

(g)

I= 695 você quer ver Wilton... uma coisa...

[W= de briga...

[I= 696 *óh*... a Grécia...

[W= de baderna...

na Grécia... na: a Grécia Antiga... né// a Grécia Antiga...

697 naquela época não tinha televisão...

698 não tinha rádio...

699 não tinha nada...

700 então o orador ia pra lá pra tribuna e...

701 aí juntava aquele monte de... né/ a polis... não/

702 os cidadãos...

[W= 703 é os cidadãos não...]

os cidadão da Polis tão lá...

(h)

I= 711 *óh* o Hitler não falou que a propaganda que era a quarta... o quarto exército...

[W= 712 é...]

a quarta arma dele...

I= 713 ele falava o quê//

W= 714 (falava muito coisa)

I= 715 se você falar mil vezes uma mentira ela se torna o quê//

I e W= 716 uma verdade...

I= 717 então... você vê que a linguagem é que nem (Regno) falava...

718 a linguagem é o túmulo do homem...

719 falei bonito agora...

W= 720 hum...hum ((risos))

Em (d) e (e), observam-se passagens do macroepísódio em que os falantes defendem posição sobre os membros da família de C e I<sup>11</sup> comerem exagera-

<sup>11</sup> Os falantes C e I são irmãos; o falante W é noivo de C.

damente através de pequenos relatos utilizados como evidência. Tais familiares, pertencentes ao domínio dos comilões, são apontados explicitamente no discurso como atores dos relatos. Em (f), a falante C está introduzindo um evento dedicado à língua japonesa, a fim de iniciar um argumento contrário ao de I sobre uma língua ser rica ou pobre em razão do número de palavras de seus dicionários. Em (g) e (h), o **óh** é empregado como estratégia de sinalização de novos domínios/tópicos, os quais são aprovados pelos demais interlocutores, dadas as completudes colaborativas de W nas unidades 712 e 720, respectivamente<sup>12</sup>.

Logo, nessas ocorrências de **óh**, há uma localização/ativação de pessoas alheias à interação em curso e de referentes sobre os quais se versará. Pode, dessa forma, postular um contínuo de abstração das estratégias dêiticas empregadas pelos participantes da conversa: da dêixis forte, representada em (i), abaixo, quando o **óh** é empregado num contexto em que provavelmente o falante levou sua mão à boca para representar a linguagem de transformação, a dêixis mais abstrata de (b) e (c), devido à co-ocorrência do **óh** e do prefaciador **você+verbo(percepção)**<sub>pres./imp.</sub>, passando por dêixis intermediárias, estabelecidas pelo acesso a referentes locativos – (f) e (g) – e pessoas específicas – (h) e (i) –, cujo conhecimento integra a base comum dos participantes da conversa. Portanto, caminhar se ia da dêixis de lugar, num espaço físico, a dêixis discursiva/sócio pessoal, no espaço conceptual.

- (i)  
I= 602 primeiro ele utilizou isso aqui **óh**...  
603 ele usou o quê//  
604 linguagem de transformação...

Assim, pode se atribuir ao marcador **óh** a função de introdutor de um espaço mental que muda o Foco do discurso, porque se trata de uma forma dêitica usada para chamar a atenção do falante em relação a um novo (sub)tópico a ser desenvolvido. Como essa nova informação geralmente envolve a ativação de outros *selves* no discurso, o **óh** aparece integrado à construção **você+verbo**<sub>pres./imp.</sub>, que também marca mudança de Foco, e insere um Ponto de Vista no discurso devido ao *você* genérico, um tipo de dêixis abstrata, que confere mais abrangência ao argumento do falante e, ao mesmo tempo, atenua sua asserção, assumindo menos riscos a sua face.

O **óh**, de caráter demonstrativo, desempenha, na conversa analisada, função diferente do **ôh**, presente em construções que envolvem a seleção de um falante específico nas duas ocorrências observadas, cujos excertos são apresentados em (j) e (l), abaixo:

<sup>12</sup> O vocativo *Wilton*, na UI 695, pode estar relacionado ao fato I ter tomado o turno durante a fala de W.

(j)

- I= 522 eu pô... **ôh** Célia... você que senta nos bancos escolares...  
 523 você pega uma professora que entra na Letras...  
 524 eu acredito que elas devem... elas devem ser até muito conservadoras  
 em relação à linguagem... entendeu// eu acho...  
 C= 525 em que sentido// conservadora...  
 I= 526 assim... conservadoras não permitindo ou não estudando ou ou  
 eliminando o pensamento... de estudar essas palavras tabu...  
 527 quer dizer... é a linguagem o tûmulo do homem... né//  
 W= 528 justamente... aquelas... palavras...chaves...  
 [I= 529 é...é...é a linguagem o tûmulo do homem...  
 W= que tinha... que tinha (inint.)

(l)

- I= 23 **ôh** Célia// e Vovó Célia//  
 24 Vovó quando foi... passar... uma  
 [W= 25 ave maria]  
 temporada lá né//...  
 26 foi exilada lá... né/  
 27 houve uma dependência...  
 28 aí mandaram minha avó.. pra morar lá com tia Neném... né//  
 29 ela foi:: ((risos))  
 30 o RELATO dela no: no retorno da viagem é o seguinte/ ((risos))

Em (j), o falante I sinaliza com **ôh** a seleção da falante C para construção conjunta do projeto em que pretende discutir a posição supostamente conservadora de profissionais da área de Letras. A escolha dessa interlocutora deve-se provavelmente ao fato de ela ser estudante da referida área, ou por I lembrar que suas falas estão sendo gravadas: uma espécie de cuidado para não ser impreciso, conseqüentemente uma estratégia de modalização. Contudo, devido à tarefa que vem desempenhando no registro da interação, nessa e em outras passagens, Célia procura participar pouco da conversa, mas o falante W adere ao argumento, complementando a fala de I; logo, engajando se no projeto conjunto.

Em (l), novamente I sinaliza a Célia a proposta de um novo projeto, dessa vez provavelmente em razão de serem irmãos e, conseqüentemente, partilharem, em seus diários pessoais, fatos vivenciados pela família. Os risos de todos podem ser considerados uma forma de engajamento no projeto em construção. Nessa passagem, a falante selecionada também não apresenta uma contribuição explícita, além de seu papel no registro da conversa, esse trecho figura no início da gravação, precedido do primeiro relato registrado, apresentado por ela mesma, sobre um dos membros família considerado comilão. A falante C iniciou gravação

no momento em que propôs um projeto conjunto ao qual todos aderiram completando o colaborativamente com novos relatos, como (l), e comentários diversos durante os minutos de duração do macroepisódio cujo tópico geral é o apetite exagerado da família<sup>13</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao confrontar os empregos das formas *ôh* e *óh*, percebi que, a depender do modo como integra a dêixis conversacional e do tipo de sinalização estabelecida, em relação ao tópico tratado e à construção do discurso conversacional, pode se postular um contínuo de complexidade dos domínios acessados na conversa. *Óh* seguido de prefaciador sinalizaria um domínio mais complexo, porque o assunto proposto exigiria o acesso a entidades novas na produção e compreensão do discurso por parte dos interlocutores e porque, em termos da construção da argumentação, representa uma evidência para a posição defendida.

Isso pode ser percebido em (a), (b), (c), (g) e (h) trechos em que o falante está propondo projetos que funcionam como evidências na construção da argumentação, se comparados a (d), (e) e (f) em que novos referentes são introduzidos no discurso, porém sem deslocamento para um domínio tão complexo em termos da construção de uma posição a defender ou comprovar. A menor complexidade das passagens (d) a (f) revela se na estrutura argumentativa do discurso, construído sobre tópicos factuais e informacionais que servem de demonstração para comprovar as posições construídas.

Esse papel do *óh* em abertura de domínio complexo pode estar relacionado ao fato de essa forma ter surgido possivelmente de uma abreviação do verbo *olhar* usado metaforicamente com sentido de *prestar atenção*. À perda de substância fônica corresponderia progressivamente um esvaziamento semântico que levaria ao emprego de *óh* como sinalizador, desacompanhado de prefaciador, em abertura de domínios para construção de projetos que envolvem tópicos menos complexos, ligados a assuntos factuais, de comprovação fácil, como ocorre no primeiro macroepisódio em que os relatos sobre o apetite exagerado dos familiares de C e I são evidências construídas mais facilmente.

O papel do *ôh* nessa dêixis escalar seria decorrente de um esvaziamento semântico maior se comparado ao *óh*, já que a relação com *olhar/prestar atenção* não pode ser estabelecida, daí seu caráter eminentemente sinalizador, quando empregado junto a vocativos na seleção de um dos participantes da interação. Assim, o *ôh* figura em passagens que não envolvem mudança de

<sup>13</sup> Como esta análise é retrospectiva, no sentido de que a transcrição registra uma conversa que já aconteceu e o primeiro som na gravação são risos que precedem o relato inicial de C, não há como saber se o membro da família mencionado no primeiro relato, passagem imediatamente anterior a (l), já tinha sido tópico de algum trecho, nem se o tópico geral *Família comilona* já vinha sendo tratado.

domínio, como pode ser observado em (j), cuja seleção de C encontra-se no domínio/camada da conversa, pois a mudança de domínio só será efetivada em 523, pelo prefaciador *você pega*.

Portanto, o papel das formas aqui estudadas revela que, durante a construção do discurso conversacional, os falantes vão deixando pistas de uma representação discursiva, entre as quais o *ôh* aponta metaforicamente para negociação do tópico do projeto conjunto em curso e o *ôh* para atores do/no ato comunicativo. Em outras palavras, tais formas desempenham funções nas representações textual e situacional ao longo da produção do discurso.

## REFERÊNCIAS

- BERNARDO, Sandra Pereira (2002). **Foco e ponto de vista na conversa informal: uma abordagem sócio cognitiva**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 221 f. Tese de Doutorado em Linguística.
- CHAFE, Wallace (1987). Cognitive constraints on information flow. In: TOMLIN, R. **Coherence and grounding in discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- \_\_\_\_ (1988). Linking intonation units in spoken English. In: HAIMAN, J. & THOMPSON, S. (eds.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 1-27.
- CLARK, Herbert H. (1996). **Using language**. Cambridge: Cambridge University Press.
- CUTRER, Michelle (1994). **Time e tense in narrative and in everyday language**. San Diego: University of California.
- DINSMORE, John (1991). **Partitioned representations**. Dordrecht: Kluwer Academic Press.
- FAUCONNIER, Gilles (1994). **Mental spaces**. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_ (1997). **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_ & SWEETSER, Eve (1996). **Spaces, worlds and grammar**. Chicago: University of Chicago Press.
- GORSKI, Edair Maria (1993). Iconicidade e topicidade no discurso narrativo. In: VOTRE, S. (org.) **Iconicidade — Funcionalismo em Linguística**. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, p. 16-40.
- LAKOFF, George (1987). **Women, fire and dangerous things**. Chicago: Chicago University Press.
- LANGACKER, Ronald W. (1987). **Foundations of cognitive grammar vol. I: theoretical prerequisites**. Stanford/California: Stanford University Press.
- \_\_\_\_ (1991). **Foundations of cognitive grammar vol II: Descriptive application**. Stanford/California: Stanford University Press.
- MARMARIDOU, Sophia S. A. (2000). **Pragmatic meaning and cognition**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co..
- PUTNAM, Hilarly (1992). **Razão, verdade e história**. Tradução de António Duarte. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. (1974). A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. **Language**. /s.l./ 50. v., p. 696-735.
- SCHEGLOFF, Emanuel E. & SACKS, Harvey (1973). Openings up closings. **Semiotica**. /s.l./, VIII, p. 289-327.
- TOMASELLO, Michael (2003). **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.